

A TOPONÍMIA PARANAENSE NA ROTA DOS TROPEIROS: CAMINHO DAS MISSÕES E ESTRADA DE PALMAS¹

Hélio Costa MOREIRA(UEL)²

RESUMO: Este trabalho apresenta os topônimos paranaenses que se referem direta ou indiretamente ao Ciclo econômico do Tropeirismo, localizados nos municípios do Caminho das Missões e na Estrada de Palmas – antigos Caminhos das Tropas –, conforme mapa elaborado por Brasil Pinheiro Machado (1963), sua classificação taxionômica, a descrição e a análise de cada um, agrupados em campos léxicos. Na pesquisa, foram selecionados 201 topônimos como marcas deixadas pelo Tropeirismo nos séculos XVIII e XIX, correspondendo a 11,24% de um universo de 1.788. Quanto à classificação, as taxas mais produtivas foram: *hodotopônimos* (51), *sociotopônimos* (38), *fitotopônimos* (27) e *ergotopônimos* (23).

Palavras chaves: Caminhos das Tropas, Caminho das Missões, Estrada de Palmas, Tropeirismo, taxionomias.

ABSTRACT: This essay presents the Paranense toponyms which are related directly or indirectly to the Tropeirismo cycle, located in the boroughs of Missions' Passage and Palmas' Road – Old Troops' Passage – as shown in the maps elaborated by Brasil Pinheiro Machado (1963), its taxonomic classification, the description and the linguistic analysis of each one, grouped in lexical fields. In this research, 201 toponyms were selected as marks let by tropeirismo in the XVIII and XIX corresponding to 11,24% of one universe of 1.788. According to its classification, the most productive taxes were hodotoponyms (51), socialtoponyms (38), phytotoponyms (27) and ergotoponyms (23).

Keywords: The Old Troops' Passage, The Missions' Passage, Palmas' Road, Tropeirismo, Taxonomies.

1. Introdução

Os estudos da toponímia brasileira foram iniciados, de forma sistemática, na Universidade de São Paulo – USP, enquanto disciplina da área de Lingüística, e tiveram como precursores Teodoro Sampaio com *O Tupi na Geografia Nacional* (1914), Armando Levy Cardoso com *Toponímia brasílica* (1961) e Carlos Drumond com a obra *Contribuição do Bororo à toponímia brasílica* (1965). A continuidade das pesquisas tem sido de responsabilidade da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, a partir de sua tese de doutorado *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos* (1980). Já em 1975 a pesquisadora propunha um modelo de taxionomias toponímicas, em sua obra *O problema das taxionomias toponímicas. Uma contribuição metodológica*.

A toponímia é tão importante para a perpetuação da história de uma comunidade, ou de toda uma região, que se torna um verdadeiro repositório da história local transmitida de geração a geração. Quanto a isso, Dick (1990a, p. 22) assevera que os topônimos “são verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população e que encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação [...]”.

O estudo do processo de dar nomes às pessoas e aos lugares é objeto de estudo da Onomástica, disciplina que se ocupa da investigação da etimologia, das transformações, da explicação e da catalogação dos nomes próprios de pessoas e de lugares, segundo Dick (1990b, p. 10). Essa mesma autora aponta, ainda, como ramos da Onomástica, a *Antroponímia*, que se ocupa do estudo de nomes próprios de pessoas, e a *Toponímia*, que estuda os nomes próprios de lugares. Embora a atividade de nomear venha de tempos remotos, o reconhecimento da Toponímia como disciplina surgiu apenas em 1878, com Auguste Longnon, na França (DICK, 1990b, p. 1).

Após leitura e análise de alguns estudos toponímicos realizados no estado do Paraná, sentimos que um trabalho voltado a um período histórico específico seria uma forma de ampliar as pesquisas nessa área e,

¹ Este trabalho discute parte dos resultados da Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em setembro/2006, orientada pela Profª. Drª. Aparecida Negri Isquierdo.

² Para contato com o autor: heliosax@bol.com.br

principalmente, resgatar, por meio do estudo da toponímia, aspectos sócio-econômicos do Paraná e da memória social do seu povo, em alguns de seus contextos – i) *históricos* – resgate de dados acerca dos antigos caminhos das tropas e dos ciclos econômicos, em especial, o do Tropeirismo³; ii) *geográficos* – recuperação de informações sobre o ambiente físico-geográfico da região pesquisada, pela análise dos reflexos da flora, da fauna, da hidrografia e da geomorfologia do território abrangido na toponímia; iii) *sociais* – resgate de dados acerca do sistema de povoamento e da colonização do território paranaense, particularmente a partir do século XVIII; iv) *etno-lingüísticos* – busca de referências acerca da formação étnica do povo paranaense (população indígena, redutos de escravos africanos e imigrantes europeus) e das características lingüísticas da população, identificando estratos lingüísticos que coexistem na toponímia pesquisada.

Assim, pelo estudo dos nomes atribuídos aos acidentes físicos (rios, ribeirões, riachos, arroios, sangas, montes, morros, montanhas, serras, saltos, cachoeiras, etc) e humanos (cidades, distritos, vilas, povoados, lugarejos, bairros rurais, patrimônios, etc) da zona rural de 22 municípios do estado do Paraná, localizados em antigos Caminhos das Tropas, mais especificamente, no *Caminho das Missões* (Palmas, Bituruna, Coronel Domingos Soares, Pinhão, Guarapuava, Prudentópolis, Ivaí, Ipiranga, Tibagi, Castro, Guamiranga, Imbituva, Teixeira Soares e Ponta Grossa) e na *Estrada de Palmas* (General Carneiro, Porto Vitória, União da Vitória, Paula Freitas, Paulo Frontin, São Mateus do Sul, São João do Triunfo e Palmeira), a pesquisa buscou recuperar aspectos sócio-históricos relacionados às regiões pesquisadas, por meio do resgate de informações importantes da memória coletiva refletida nos topônimos desses caminhos. Para fins de seleção da área a ser pesquisada foram priorizados os Caminhos das Tropas (ou *Rota dos Tropeiros*), dentro do território paranaense, cujas rotas são menos exploradas e menos freqüentes em mapas antigos, ao contrário de rotas como “Caminho do Viamão”, “Estrada da Graciosa”, entre outros, que têm sido objeto de estudos em diferentes áreas de especialidade (história, geografia, lingüística).

A pesquisa teve como objetivos gerais identificar, catalogar e analisar os topônimos dos acidentes físicos e humanos dos 22 municípios em território paranaense relativos ao ciclo econômico do Tropeirismo, a partir de mapas oficiais atuais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2004) e da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, do Paraná – SEMA (1980), de escalas 1: 50.000 e 1:100.000; e como objetivos específicos analisar os topônimos quanto à motivação e verificar em que proporção o Ciclo do Tropeirismo deixou marcas na toponímia dos municípios investigados. Uma das hipóteses que orientaram este estudo foi a de que a toponímia dos municípios pesquisados reflete o Ciclo econômico do Tropeirismo na sócio-história do Estado do Paraná.

Neste trabalho apresentamos a análise do recorte do corpus que se relaciona ao movimento dos tropeiros informado nos Anexos 2 e 3, deste estudo.

2. Fundamentação Teórica

O embasamento teórico relativo à Toponímia e a orientação metodológica foram buscados nos trabalhos de Dick, em especial na sua Tese de Doutorado, *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990a), e em artigos da autora constantes de *Toponímia e antroponímia no Brasil - Coletânea de Estudos* (1990b), que são referências obrigatórias para todos os estudos toponímicos realizados no Brasil. Para a classificação taxionômica utilizamos o modelo proposto por Dick (1990b, p. 31-34) que estabelece 11 taxas de natureza física (astropotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos) e 16 de natureza antropocultural (animotopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematotopônimos, hierotopônimos e suas subdivisões (hagiotopônimos e mitotopônimos), historiotopônimos, hodotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, sociotopônimos e somatotopônimos. Seguimos ainda, as propostas de outros pesquisadores brasileiros que propuseram ora subdivisões a categorias do modelo, ora novas taxas, na tentativa de adequar o modelo em questão aos dados em análise. Isquerdo (1996, p. 118), por exemplo, propõe uma subclassificação para a taxa dos animotopônimos (topônimos relacionados à vida psíquica, à cultura espiritual, a estados de ânimo), proposta por Dick (1990). A pesquisadora, fundamentando-se em duas `marcas` muito presentes nos topônimos pesquisados – *impressão agradável/otimista e impressão*

³ Ciclo econômico surgido no início do século XVIII, com a primeira viagem empreendida pelo tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu, em 1732, saindo dos Campos do Viamão com destino a Sorocaba e São Paulo, atividade que veio resolver as crises de abastecimento que sofriam as Minas Gerais com total escassez de alimentos e a inauguração de um novo modo de viver – o do tropeiro (TRINDADE, 1992, p.31).

desagradável/temeridade frente ao referente nomeado -, propõe duas subcategorias, para a taxa, encabeçadas pelas lexias *eufóricos e disfóricos*. Os *animotopônimos eupóricos* são representados por lexias que transmitem sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo (Primavera, Esperança, Redenção, Liberdade, etc.) e os *animotopônimos disfóricos* recuperam lexias que transmitem sensação desagradável, expectativas não muito otimistas, perspectivas temerosas (Apertado, Encrenca, Semitumba, Vai-se-quiser, Vale-quem-tem, etc.).

Além disso, buscamos, também, fundamentação teórica em outras disciplinas, como a Lexicologia, a Etnolingüística e a Semântica e informações sobre a História do Paraná, obtidas em livros de historiadores e em sites especializados como IBGE, Governo do Paraná, dentre outros.

Analisar, pois, a relação existente entre língua, cultura e sociedade manifesta na maneira das pessoas nomearem o espaço geográfico onde vivem, já que “a língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É por meio dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação lingüística” (PRETTI, 1974, p. 8).

Nesse sentido, quando estudamos a língua de um povo, é necessário, também, estudar aspectos da sua cultura para uma melhor compreensão da relação do homem com o mundo que o cerca. Ao focalizar a relação do homem com a realidade, Biderman (1998, p. 89) pondera que

os critérios de classificação usados para classificar os objetos são muito diferenciados e variados. Às vezes, o critério é o uso que o homem faz de um dado objeto; às vezes, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação; às vezes, é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê, e assim por diante.

No processo de criação, o homem vai elaborando o léxico que se constitui numa forma de registrar o conhecimento do universo e, ao mesmo tempo em que nomeia, também classifica os referentes (BIDERMAN, 1998, p. 91). O homem executa a atividade de nomear, tão peculiar ao ser humano desde os tempos mais primitivos, pelo uso de palavras que designam os referentes extralingüísticos. Quando esses referentes são acidentes físicos ou humanos, a sua nomeação torna-se uma forma de garantir o domínio e “tornar o `não-lugar` em `lugar`, como forma de ocupação politizada do espaço” (DICK, 2000, p.300).

3. Ciclo Econômico do Tropeirismo

Quem contempla um mapa político-administrativo atual do Brasil verifica uma intrincada malha viária ligando todo o País, de norte a sul e de leste a oeste, o que favorece o transporte de produtos de um ponto a outro do território pela via terrestre, isso sem considerarmos as linhas aeroviárias e fluviárias que muito contribuem para a redução do tempo no deslocamento entre linhas inter-regionais.

No entanto, no passado (até o primeiro quarto do séc. XX), os antigos habitantes viviam uma enorme dificuldade, tanto em termos de condições para a comunicação, como para a comercialização de seus produtos em virtude da inexistência de estradas regulares e da precariedade dos caminhos existentes.

No século XVII, com a chegada dos espanhóis à Cordilheira dos Andes e a identificação do grande volume de minerais preciosos, ocorre o início de um fenômeno sócio-econômico com repercussão em toda a América Latina – o **Tropeirismo** (FERRAZ, 2002, p. 7).

Os portugueses, após um século no litoral do Brasil, resolvem ir à busca de ouro com os mesmos objetivos que impulsionaram os espanhóis. A dificuldade era o transporte de grandes volumes de mercadorias e também de pessoas que, até então, era feito por “índios de carga”, negros escravizados e mamelucos assalariados, devido à carência de animais de carga e de sela. As pessoas faziam grandes trajetos a pé, pois não contavam, ainda, com os cavalos para o transporte. E os carregadores humanos gastavam de 3 a 4 meses numa viagem entre São Paulo e Minas Gerais (LANGE, 1998, p.26).

Como forma de resolver, de vez, o problema, já que os habitantes da América se recusavam a colaborar com os visitantes, ainda que escravizados, e, como o volume de minerais era enorme, os espanhóis traziam, nos porões dos seus navios, burros e mulas para execução dos trabalhos.

Com isso, inicia-se o Tropeirismo Latino. O interessante era que a reserva do mercado de produção de jumentos e de éguas continuava sendo mantida na Europa. O produto híbrido⁴ (burro/mula) vinha para prestar os serviços de transporte para o grande e acidentado trecho da Cordilheira dos Andes.

⁴ Do cruzamento (hibridação) de um jumento (asno ou jegue) – *Equus asinus* – com a égua, *Equus caballus*, nasce o burro ou a mula. Já do cruzamento dos animais das mesmas espécies, porém, invertidos (cavalo x jumenta) dá origem a um animal diferente, o

Assim, o tropeirismo e a agricultura de subsistência foram atividades complementares à economia mineradora que ocorria no Paraná e em Minas Gerais. Dificultado pela inexistência de estradas, sempre que a geografia permitia, o transporte de mercadorias era feito no lombo dos animais, principalmente de muars que eram animais resultantes do cruzamento de jumentos com éguas. São animais facilmente domados, únicos perfeitamente habilitados a realizar o transporte de cargas em regiões serranas rodeadas de abismos e florestas, de montanhas e de solos áridos. De pouca exigência na alimentação, conviviam com nevascas, ventanias e toda a hostilidade da natureza (FERRAZ, 2002, p. 21). Por todas essas qualidades e por ser o único meio de transporte durante os séculos XVIII e XIX, a valorização desses animais crescia na mesma proporção que se intensificava o interesse pela sua aquisição.

3.1. Caminho das Tropas

Com o advento do tropeirismo no Brasil, a partir de 1732, a atividade econômica mais lucrativa da época que tinha como finalidade a comercialização do gado oriundo da região Sul, conduzidos para as regiões de Sorocaba, de São Paulo e de Minas Gerais, surge a necessidade de abertura de caminhos por onde deveriam transitar os animais. Vários foram os caminhos abertos para passagem das tropas de animais: no litoral do Paraná – Estrada da Graciosa, Caminho do Itupava, Caminho do Arraial e a Estrada de Palmas –, e os caminhos que cortaram os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo – Caminho do Viamão e o Caminho das Missões. No estado do Rio Grande do Sul foram abertas outras variantes desses caminhos para atender regiões afastadas do seu curso principal. O professor Brasil Pinheiro Machado (1963) fez um traçado desses caminhos que serviu de orientação, no território paranaense, para desenvolvimento deste estudo (Anexo 1). Dentre os vários caminhos abertos, escolhemos o Caminho das Missões e a Estrada de Palmas para esta pesquisa.

Dentre os 1.788 topônimos pesquisados nos municípios selecionados, 201 foram selecionados por se referirem direta ou indiretamente ao Tropeirismo, que estão relacionados nos Anexos 2 e 3 e que constituem o objeto de análise desta pesquisa.

4. Análise dos dados

Dentre os 1.788 topônimos pesquisados nos municípios selecionados, 201 se referem direta ou indiretamente ao Tropeirismo, correspondendo a 11,24%, do total do *corpus* estudado. Para efeito de análise do *corpus* dividimos o inventário de designativos em campos léxicos⁵:

a) *espécies de animais conduzidos pelas tropas* – alguns topônimos lembram as espécies animais que compunham as tropas: **baio**, unidade lexical definida por Houaiss (2001) como “que tem a cor castanha ou amarelo-torrado”, e ocorre nos topônimos rio do *Baio* e os povoados *Rio Baio I*, *Rio Baio II* e *Rio Baio III* (São João do Triunfo); **boi**, por sua vez, ocorre em forma composta nomeando o arroio *Poço do Boi* (Teixeira Soares) e o rio *Boi Carreiro* (Pinhão); **boiada**, no sentido de “rebanho bovino” (HOUAISS, 2001), nomeia o córrego *da Boiada* (Palmeira). Inclui-se, também, neste grupo, a unidade lexical **burro**, definido como “mesmo que jumento; animal híbrido, estéril, produto do cruzamento do cavalo com a junta, ou da égua com o jumento” e nomeou a água *do Burro* (Tibagi), e em formação composta, córrego *Burro Bravo* (Coronel Domingos Soares) e córrego *Burro Morto* (Paula Freitas). Já a lexia **gado**, no sentido de “conjunto de animais (carneiros, cavalos, bois, cabritos, etc)”, registrado por Houaiss (2001), ocorreu em formação simples na nomeação do córrego *do Gado* e na formação composta, nomeando o distrito *Arroio do Gado* (General Carneiro).

Mula é uma unidade lexical que, apesar de ser bastante familiar no meio ambiente do tropeirismo, só teve duas ocorrências: a serra *da Mula* (Pinhão) na forma simples primitiva e, arroio *das Mulas* (São Mateus do Sul) na forma simples pluralizada.

bardoto. Esses animais híbridos quase sempre são estéreis, devido ao fato de que o/a cavalo/égua possui 64 cromossomos enquanto o/a jumento/jumenta possui 62, resultando em 63 cromossomos (número ímpar, desfavorável à procriação) (WIKIPÉDIA, 2006)

⁵ Coseriu (apud GECKELER, 1976, p. 232) fornece a seguinte definição de campo léxico: “Um campo léxico es, desde el punto de vista estructural, um paradigma léxico que se origina por la distribución de um continuo de contenido léxico em diferentes unidades, dadas em la lengua como palabras, que están reciprocamente em oposición inmediata mediante rasgos distintivos de contenido simples”. “Um campo léxico é, do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que se origina pela distribuição de um contínuo de conteúdo léxico em diferentes unidades, dadas na língua como palavras, que estão reciprocamente em oposição imediata mediante traços distintivos de conteúdo simples” (Tradução nossa).

b) *Locais de pernoite, descanso e engorda dos animais* – incluem-se, neste campo, os topônimos que se referem aos locais escolhidos pelo tropeiro chefe para o descanso de homens e dos animais ao final do dia, depois de uma caminhada. Chamavam a essa parada de “bater-estaca”, como sinônimo de acampar, já que era costume, quando chegavam ao local determinado, fincar estacas onde eram amarrados os animais (GOULART, 1961, p. 149).

Fazem parte deste grupo os topônimos formados com as seguintes unidades lexicais: i) **alvorada**, que é definida por Houaiss (2001) como “primeira claridade ou crepúsculo da manhã; canto das aves ao nascer do dia; manifestação ruidosa (foguete, toque de música, salva de tiros, etc)”. No caso das tropas, durante a alvorada, ocorriam os mugidos dos bois, relinchos dos cavalos, zurros dos burros e das mulas e o falatório dos tropeiros. Ocorreu apenas uma vez na nomeação do bairro rural *Alvorada* (Prudentópolis); ii) **aparição** que ocorreu duas vezes no município de Castro – córrego *Aparição* e povoado *Aparição*. Originalmente o termo *aparição* significa “manifestação, aparecimento súbito e sobrenatural de um ser; espectro, fantasma” (HOUAISS, 2001). Mas, no caso desse topônimo, curiosamente, “refere-se ao local onde os tropeiros deixavam as éguas para parirem” (ASSOCIAÇÃO..., 2006), daí o nome de *parição*, que, mais tarde, recebeu o antepositivo *a-* substituindo o artigo definido que acompanhava o substantivo. iii) **cocho** ocorreu apenas uma vez na formação simples pluralizada, nomeando o rio *dos Cochos* (São Mateus do Sul); iv) **amparo**, a exemplo da lexia *cocho*, também ocorreu somente uma vez nomeando o distrito *Amparo* (Tibagi), que recebeu esse nome pela acolhida, do povo local, aos tropeiros que chegavam cansados das longas caminhadas e se sentiam amparados, pois encontravam boa comida, amizade, bons pastos para o gado, rancho para pernoite e, por isso, muitos deles se instalaram de forma definitiva na localidade (MUSEU..., 2006).

v) **Cantagalo** é um topônimo que apareceu no sintagma ribeirão *Cantagalo* (Bituruna) e povoado *Cantagalo* (Palmeira). É uma lexia não dicionarizada que entendemos se tratar de uma expressão frasal, como Quebra Perna, Quebra Queixo, embora formado por um só vocábulo; vi) **Descanso** é outro topônimo que integra esse campo e nomeia o ribeirão *do Descanso* (Castro); vii) **espera bóia** denota uma prática comum entre os tropeiros, depois de uma estafante caminhada. Enquanto organizavam as cargas na dura tarefa de descarregar os animais e levá-los para o pasto, os tropeiros aguardavam o sinal do cozinheiro para o momento tão esperado da alimentação. A lexia ocorreu na nomeação do córrego *Espera Bóia* (Coronel Domingos Soares); viii) **invernada** com sentido de “pasto de longa extensão, cercado de obstáculos naturais ou artificiais, que se destina ao descanso, à engorda de animais de criação ou a outros fins” (HOUAISS, 2001), também aparece no *corpus* na forma primitiva singular nomeando o arroio *da Invernada* (Ponta Grossa) e o córrego da Invernada (Coronel Domingos Soares) e, como forma derivada, designando o povoado *Invernadinha* (Guarapuava) e o arroio *da Invernadinha* (Teixeira Soares); ix) **piquete** como designação de “pequeno potreiro que, perto de uma habitação, é usado para recolher os animais utilizados em serviços diários” (HOUAISS, 2001) apareceu em formação composta no topônimo povoado *Piquete Velho* (Ipiranga).

x) **pouso** é outra unidade lexical que remete ao ciclo do tropeirismo, designando “lugar onde se pernoita” (HOUAISS, 2001) que era uma prática normal durante as grandes viagens e foi muito importante para o desenvolvimento do Brasil no período colonial. Ocorre em formação composta, na nomeação do córrego *do Pouso Feio* (Coronel Domingos Soares) e ribeirão *do Pouso Bonito* (General Carneiro); xi) **rancho** também é uma lexia que remete diretamente ao ciclo do tropeirismo e corresponde, segundo Burton (1983, p. 178) “à segunda fase de evolução que se operava desde o pouso até o reconhecimento de uma nova cidade”. Como topônimo ocorre uma vez, nomeando o povoado *Três Ranchos* (Bituruna); xii) **responte** não é lexia dicionarizada, mas ocorre como topônimo do córrego *Responte* e do povoado *Responte* (Bituruna). A lexia correta é *reponte*, unidade registrada por Houaiss (2001) como um brasileirismo do Sul como “ato de repontar (enxotar)”, e *repontar* é definida pelo lexicógrafo como o ato de “enxotar (animais) em certa direção”, tarefa desenvolvida pelos tropeiros com o objetivo de juntar os animais num determinado lugar; xiii) **retiro** é definida por Houaiss (2001) como “rancho para guarda do gado durante o inverno” e aparece como forma simples, no topônimo córrego *do Retiro* (Palmas), e em formação composta em povoado *Bom Retiro* (Coronel Domingos Soares), distrito *Bom Retiro* (Pinhão) e arroio *Bom Retiro* (Guarapuava);

xiv) **rincão**, unidade lexical definida por Houaiss (2001) como “trecho de campanha, cercado por acidentes naturais como rios, matos para onde se levam os animais, a fim de que lá pastem em segurança” é outro topônimo incluído no campo em análise. Aparece em duas nomeações em formação simples – córrego *Rincão* (Coronel Domingos Soares) e povoado *Rincão* (Ponta Grossa) – e em formação composta no topônimo rio *Rincão da Canoia* (Guarapuava); xvi) **rodeio** é uma lexia que se refere aos locais de reunião do gado e ocorre como forma simples no topônimo córrego *do Rodeio* (Bituruna e Paula Freitas), em forma simples derivada em córrego *Rodeiozinho* (Palmas) e em forma composta em arroio *Água do Rodeio*

(Teixeira Soares); xvii) **tapera** aparece no designativo ribeirão *Tapera* (Palmeira) com sentido de “residência ou fazenda, em ruínas, tomada pelo mato; qualquer local destruído, de mau aspecto” (HOUAISS, 2001), muito procurado pelos tropeiros que procuravam se abrigar do mau tempo e se proteger do orvalho e do frio nas noites de inverno.

c) *Locais de passagem das tropas* – **atalaia** é uma unidade lexical definida por Houaiss (2001) como “lugar elevado de onde se observa ou se vigia”, ocorre na nomeação do distrito *Atalaia* (Guarapuava); já **atalho** é um item lexical definido como “caminho secundário, derivado de um principal, pelo qual se encurtam distâncias e/ou se chega mais rapidamente ao local de destino” (HOUAISS, 2001) e nomeia o arroio do *Atalho* (Tibagi).

Quanto à unidade lexical **campo**, Abreu (1963, p. 272) esclarece o uso desse termo, quando apresenta o contraste do campo do Sul com a caatinga do Norte e do Nordeste: “espaço físico com rios perenes em grande número, clima menos ardente, matas de pinheiro, cujos frutos eram excelentes e abundante provisão, constituindo no meio das solidões em verdadeiro oásis”. Apareceu na toponímia em estudo só em formas compostas: povoado *Campo Novo* (Bituruna, Ipiranga e Tibagi) e córrego *Campo Novo* (General Carneiro), povoado *Campo Bonito* (Guarapuava), povoado *Campo Alto* (Ipiranga), arroio *Campo Frio* (Paula Freitas e Paulo Frontin) e ribeirão *Campo do Meio* (Castro).

Campina, por sua vez, é uma lexia definida por Houaiss (2001) como “formação herbácea contínua e desprovida de árvores; campo, prado; o mesmo que campo limpo”. Ocorre em formação simples nomeando o povoado *Campina* (Imbituva) e arroio *da Campina* (Tibagi) e em formação composta povoado *Campina Alta* e povoado *Campina dos Costas* (Tibagi) e povoado *Campina do Tigre* (Teixeira Soares e General Carneiro).

Divisa, lexia definida como “linha demarcada no terreno por um conjunto de acidentes naturais ou artificiais, que estabelece a separação de duas propriedades vizinhas” (HOUAISS, 2001) e ocorre na nomeação do arroio *Divisa* e povoado *Divisa* (Ipiranga) e ribeirão *Divisa* (Palmas) e córrego *Divisa* (Coronel Domingos Soares); já **encruzilhada** designando “o cruzamento ou lugar onde se cruzam estradas, caminhos” (HOUAISS, 2001), nomeia o povoado *Encruzilhada* e a colônia *Encruzilhada* (União da Vitória) e povoado *Encruzilhada* (Palmeira); **entrada** nomeia apenas o córrego *da Entrada* (Palmas).

Passagem, na acepção de “lugar por onde se passa”, definição de Houaiss (2001), foi registrada uma única vez – córrego *da Passagem* (Bituruna).

Já a lexia **passo** no sentido de “lugar no rio ou arroio de passagem habitual onde costumam passar os viandantes a cavalo, embarcados ou a bolapé” (CALLAGE et al, 1964, p. 343). Esse item lexical apresentou o maior número de ocorrências – 33 topônimos na forma composta e 3 na formação simples derivada **passinho(s)**. O item lexical **vau**, por seu turno, definido por NETTO (2000, p. 19) como “trecho raso do rio, onde se pode transitar a pé ou a cavalo”. Essas passagens eram escolhidas pelos tropeiros para a transposição de um rio. Neste estudo, aparece uma única vez como designativo do rio *do Vau* (São Mateus do Sul).

As unidades lexicais **estiva**, **pinguela**, **ponte** e **pontilhão** formam um subgrupo. **Estiva** que designa “ponte rústica construída com paus atravessados por sobre um córrego ou vala” (HOUAISS, 2001). Nas viagens dos tropeiros, a construção de estivas era bastante comum, dada a necessidade de transpor pequenos obstáculos, atoleiros, pequenas correntes hídricas. Ocorre nos sintagmas toponímicos rio *Estiva* e povoado *Estiva* (São Mateus do Sul) e povoado *Estiva* (Tibagi); **pinguela** designa “espécie de ponte tosca feita de paus” (HOUAISS, 2001), ocorre isoladamente no corpus – rio *Pinguela* (Ipiranga); já **ponte** definida por Houaiss (2001) como “obra construída em aço, madeira, cimento armado, etc, para estabelecer comunicação ao mesmo nível entre dois pontos separados por um curso de água ou qualquer depressão do terreno”, ocorreu cinco vezes, sempre em formação composta: rio *da Ponte Torta* (São João do Triunfo), arroios *Ponte Alta* e *Ponte de Pedra* (Tibagi), arroio *da Ponte Nova* (Prudentópolis), povoado *Três Pontes* (Ipiranga); **pontilhão** é uma lexia definida por Houaiss (2001) como “pequena ponte”, corre em dois topônimos – rio *Pontilhão* e o povoado *Pontilhão* (São Mateus do Sul).

Veredinha, unidade lexical derivada de *vereda* que significa “caminho estreito, senda, sendeiro; caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho” (HOUAISS, 2001). Ocorreu no corpus estudado casos de binomeação de topônimos córrego *Manchorra ou Veredinha* (Palmas e Coronel Domingos Soares).

d) *Utensílios e apetrechos* – a esse campo foram reunidos os topônimos que se referem a objetos produzidos artesanalmente e utilizados pelos tropeiros para a caça, o preparo dos alimentos, a montagem da carga nos animais, além de utensílios de uso pessoal dos tropeiros. Fazem parte deste grupo os topônimos formados pelas seguintes lexias: **bainha** ocorre em rio *Bainha* (São João do Triunfo); **cincerro** lexia definida como “sineta que pende do pescoço de certos animais (égua madrinha, vaca, besta) e cujas batidas, de

sonoridade indefinida, servem para guiar e reunir uma tropa, um rebanho” (HOUAISS, 2001) e ocorre em rio *Cincerro* (Paula Freitas); já **ferradura** é outra unidade lexical que aparece na função de topônimo em lagoa *Ferradura* (São João do Triunfo); por sua vez, o item lexical **viola** ocorre apenas na nomeação do arroio *da Viola* (Guarapuava) e do arroio *das Violas* (Teixeira Soares), apesar da importância do instrumento musical no cotidiano dos tropeiros.

Separamos, nesse grupo, os topônimos originados de línguas indígenas registrados no *corpus* pesquisado: **guaiaca**, de origem quíchua *huyaca*....saco e conforme Houaiss (2001), designa “cinto largo de couro ou de camurça, com bolsos onde se guardam dinheiro, objetos miúdos, e que também é usado para o porte de arma”. Apesar de ter sido um utensílio de uso comum do tropeiro, motivou apenas dois designativos: o arroio *Guaiaca* e o povoado *Guaiaca* (São João do Triunfo); **moquém**, que Sampaio (1928, p.269) registra como de origem tupi, uma “corruptela de *mocaê* ou *mô-caê*, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a carne ou o peixe”, ocorreu como designativo de três acidentes geográficos, dentre os aqui estudados: arroio *Moquém* (Ipiranga, Imbituva, Castro), rio *Moquém* (Ponta Grossa) e povoado *Moquém* (Imbituva); **mundéu** é uma lexia registrada por Sampaio (1928, p.268) como “*mondéo* corruptela *mô-ndé*, fazer sobrepor, ou cobrir; o que se alça, o alçapão” e nomeou apenas o córrego *Mundéu* (Palmas); **porungos** é uma variante de porongo que, segundo Nascentes (apud HOUAISS, 2001) é de origem do quíchua *poronco* e significa “vaso de barro com gargalo estreito” e Houaiss (2001) a define como “mesmo que cabaceiro-amargoso”. Aparece neste estudo, nomeando o arroio *Porungos* e o povoado *Porungos* (Guarapuava).

Outras lexias com função toponímica não foram inseridas em campos léxicos, em virtude de ocorrência individual, mas também recuperam aspectos relacionados ao Ciclo do Tropeirismo: **núncio** lexia que conforme Houaiss (2001) designa “mensageiro incumbido de anunciar, transmitir a vontade de outrem, repetindo-a”, já que uma das tarefas mais importantes dos tropeiros era transmitir recados de pessoas por onde passavam e ocorre na nomeação do arroio *Núncio* (Coronel Domingos Soares); **descadeirado** e **fraqueza** são unidades lexicais que guardam referências às mudanças no estado de saúde dos animais tangidos pelos tropeiros, em consequência do grande peso das cargas que transportavam, das feridas e das pisaduras, dos males causados pelas ervas venenosas, pelas mordeduras de répteis e pela péssima situação das trilhas percorridas. No *corpus* estudado nomeiam o rio *Descadeirado* (Pinhão), o arroio *Fraqueza* (Prudentópolis e Guarapuava) ; já a lexia **cangueira** ocorre na nomeação do arroio *Cangueira* e do Povoado *Cangueira* (Ipiranga) e é definida por Houaiss (2001) como “formação calosa no pescoço do animal causada pelo uso de canga”. Nesse grupo, incluímos também as unidades lexicais **lambedor** e **lambe pedra** que ocorreram como topônimos neste estudo. Houaiss (2001) registra, no verbete **lambedor** o uso na Bahia como “terreno salgado e alagadiço, muito procurado por animais que vão lambê-lo”. Na toponímia aqui focalizada nomeia o rio *Lambedor* e o povoado *Lambedor* (Imbituva); já o sintagma lexical **lambe pedra** recupera a atitude dos animais, quando se deparavam com rochas que apresentavam sabor de salitre. Ocorre, no *corpus* aqui focalizado, no topônimo arroio *Lambe Pedra* (Paulo Frontin).

Consideramos, ainda, o uso das lexias **quebra perna**, **quebra dentes** e **quebra queixo** com função onomástica, que ocorrem na nomeação do arroio *Quebra Perna* (Tibagi), o rio *Quebra Dentes* (Ponta Grossa) e o arroio *Quebra Queixo* (São João do Triunfo). Não podemos desconsiderar o fato de que os caminhos percorridos pelas tropas apresentavam péssimas condições de tráfego, conforme atestam relatos de viajantes pelo interior do Brasil, provocando, tanto no próprio animal como em seu ocupando, lesões graves nas pernas, nos dentes ou no queixo, daí o uso de expressões dessa natureza para nomear o espaço conhecido dos tropeiros.

Alguns nomes de antigos tropeiros também serviram de motivação para os topônimos estudados: **Ribas**, na nomeação do povoado *Juvenal Ribas* e povoado *Ribas* (Tibagi), povoado *Lagoa dos Ribas* (Castro) e povoado *Ribas* (Ponta Grossa); **Lemos** adquire função toponímica em colônia *Faxinal dos Lemos* (Imbituva); **Ávila** nomeia o povoado *Faxinal dos Ávilas* (Imbituva); **Biscaia** aparece na nomeação do povoado *Biscaia* (Ponta Grossa); **Menezes**, por sua vez, nomeia o povoado *Menezes* (Ponta Grossa) já **Padilha**, designa um acidente físico – arroio *dos Padilhas* (São João do Triunfo).

Quanto à classificação taxionômica, os 201 topônimos que remetem ao Ciclo do Tropeirismo foram assim distribuídos em termos de taxes: de natureza física – fitotopônimos (27), zootopônimos (12), hidrotopônimos (9), cardinotopônimos (9) e litotopônimos (1); de natureza antropocultural – hodotopônimos (51), sociotopônimos (38), ergotopônimos (23), animotopônimos (12) (eufóricos = 6 e disfóricos = 6), antropotopônimos (7), dirrematotopônimos (6), numerotopônimos (2), corotopônimos (2) e ecotopônimos (2).

5. Considerações Finais

Os resultados alcançados ao final da pesquisa confirmaram a hipótese de que a toponímia dos municípios localizados no Caminho das Missões e na Estrada de Palmas revelam marcas do Ciclo econômico do Tropeirismo na história social do estado do Paraná. Dos 1.788 topônimos pesquisados, 201 deles remetem direta ou indiretamente ao movimento econômico-social do Tropeirismo, por recuperarem aspectos do cotidiano de tropeiros e de animais durante as viagens empreendidas, desde os campos do sul até as feiras de Sorocaba e de São Paulo, representados por lexias que, na análise, foram agrupados segundo traços semânticos comuns como: *espécies de animais conduzidos nas tropas; locais de pernoite e de descanso; locais de passagens das tropas; utensílios e apetrechos*. A toponímia estudada revelou também importantes descobertas sobre um tipo de homem sertanejo, o tropeiro do século XVIII e XIX que, mesmo enfrentando toda espécie de obstáculos que o sertão inóspito apresentava – falta de estradas, chuvas intensas, baixas temperaturas, travessia de rios, ataque de índios bravios, irregularidades do terreno, saudades da família, fuga de animais –, foi o responsável pela criação de várias cidades brasileiras, principalmente no trajeto do Rio Grande do Sul a Sorocaba, o que contribuiu significativamente para a interação entre as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Os dados conclusivos da pesquisa comprovaram que a toponímia reflete na língua os aspectos físicos e as influências étnicas, históricas, políticas, econômicas e socioculturais da região, como também as expectativas de vida e o conhecimento de mundo dos grupos humanos que ali se fixaram no decorrer de sua história.

6. Referências bibliográficas

ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500 – 1800) e Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil**. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

ASSOCIAÇÃO dos Amigos do Museu do Tropeiro. Castro (PR) Correspondência de 01.02.2006

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Dimensões da Palavra. In: **Revista Filologia e Lingüística Portuguesa**. São Paulo: USP, 1998 – nº 2, p. 81-118.

BURTON, Richard. **Viagens aos planaltos do Brasil** (tradução de Américo Jacobina Lacombe) 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: INL, Fundação Pró-Memória, 1983.

CALLAGE, Roque; CORREA, Romaguera; CORUJA, Antônio Álvares Pereira; MORAES, Luiz Carlos de. **Vocabulário Sul-Rio-Grandense**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1964.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo. Edições Arquivo de São Paulo, 1990a – Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil.- Coletânea de estudos**. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas / USP, 1990b

_____. Interrelação léxico e cultura na América Indígena. Estudo de Caso. In: **Acta Semiótica et Lingüística**. São Paulo: Ed. Plêiade, 2000, v.8, p.295-308.

FERRAZ, Otacílio José Azevedo. **São Paulo Caminhos da Colonização – Viagens de Tropeiros entre Serras**. São Paulo: Antônio Bellini Editora e Cultura, 2002.

GECKELER, Horst. **Semântica Estructural y Teoría Del Campo Léxico**. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica Editorial Gredos, 1976.

GOULART, José Alípio. **Tropas e tropeiros na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Municípios selecionados** – Paraná. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. CD-ROM.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O Fato Lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara.

LANGE, Francisco Lothar Paulo. **Os Campos Gerais e sua princesa**. Curitiba: COPEL, 1998.

MACHADO, Brasil Pinheiro Machado. Contribuição ao estudo da história agrária do Paraná. Formação da Estrutura Agrária tradicional dos Campos Gerais. In: Boletim da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 1963 – v.3.

MUSEU do Garimpo. Tibagi (PR) Mensagem de 10.01.2006.

NETTO, Luiz Romaguera. **O vau do Iapó**. Castro: Kugler Artes Gráficas Ltda, 2000.

PARANA. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMA, 1980.

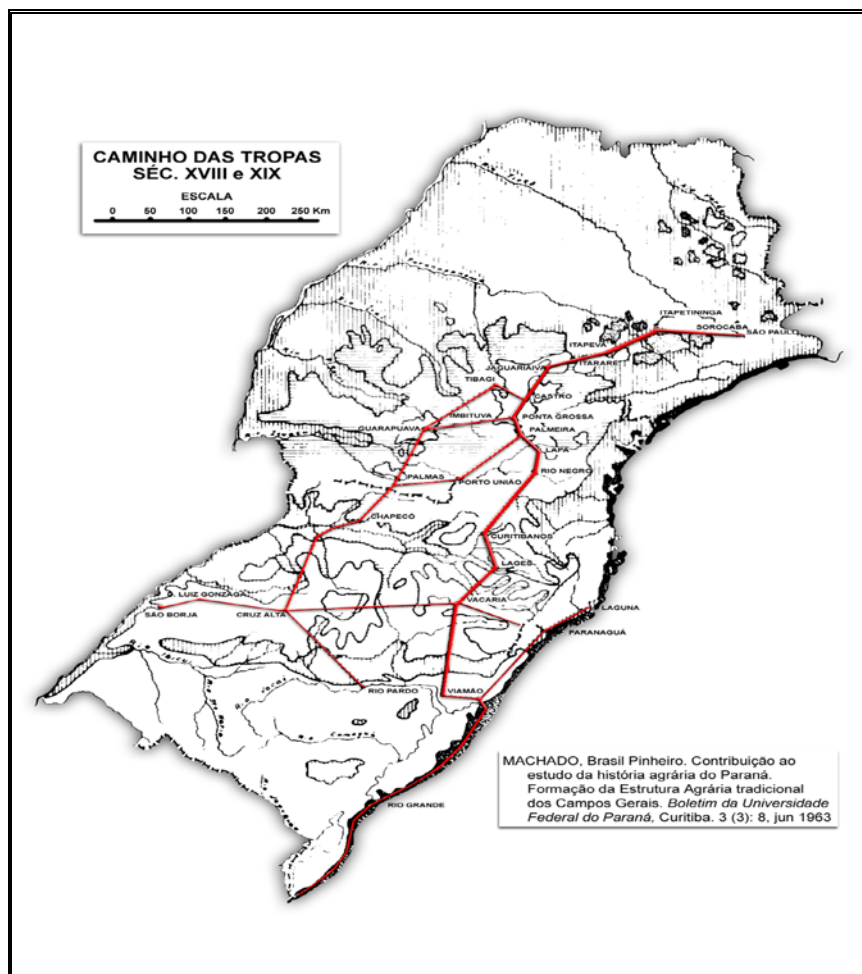
PRETTI, Dino. **Sociolingüística: os níveis da fala, um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na Geographia Nacional**. 3. ed. cor. e aum. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

TRINDADE, Jaelson Bitran; **Tropeiros**. São Paulo: Editoração, Publicações e Comunicações Ltda, 1992.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Burro**. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Burro>>. Acesso em: 14.jul.2006

ANEXO 1 – CAMINHO DAS TROPAS Séc. XVIII e XIX Fonte: Machado (1963)



ANEXO 2 – Topônimos relativos ao Ciclo do Tropeirismo – Caminho das Missões

PALMAS					
Acidente	Topônimo	Classificação Taxionômica	Acidente	Topônimo	Classificação Taxionômica
Córrego	da Boiada	Zootopônimo	Córrego	Passo Liso	Hodotopônimo
Córrego	do Campo Alto	Fitotopônimo	Córrego	Passo Velho	Hodotopônimo
Córrego	da Entrada	Hodotopônimo	Córrego	do Retiro	Sociotopônimo
Córrego	Lajeado ou da Invernadinha	Litotopônimo Sóciotopônimo	Córrego	Rodeiozinho	Sociotopônimo
Córrego	Manchorra ou Veredinha	Zootopônimo Hodotopônimo	Ribeirão	Divisa	Cardinotopônimo
Córrego	Mundéu	Ergotopônimo	Rio	Mangueirinha	Sociotopônimo
Córrego	do Passo Feio	Hodotopônimo	Rio	Passa Três	Dirrematotopônimo / Hodotopônimo
Córrego	Passo Fundo	Hodotopônimo / Corotopônimo			

BITURUNA

Povoado	Campo Novo	Fitotopônimo	Córrego	da Passagem	Hodotopônimo
Povoado	Passo da Imbuia	Hototopônimo	Córrego	Responde	Sociotopônimo
Povoado	Responde	Sociotopônimo	Córrego	Rodeio	Sociotopônimo
Povoado	Três Ranchos	Numerotopônimo	Ribeirão	Cantagalo	Corotopônimo
CORONEL DOMINGOS SOARES					
Povoado	Bom Retiro	Animotopônimo eufórico	Córrego	da Invernada	Sociotopônimo
Povoado	Passo da Barraca	Hodotopônimo	Córrego	Passo da Galinha	Hodotopônimo
Córrego	Burro Bravo	Zootopônimo	Córrego	Passo da Laje	Hodotopônimo
Córrego	da Divisa	Cardinotopônimo	Córrego	Passo Liso	Hodotopônimo
Córrego	Espera Bóia	Dirrematotopônimo	Córrego	Passo da Raia	Hodotopônimo
Córrego	Manchorra ou Veredinha	Zootopônimo Hodotopônimo	Córrego	do Pouso Feio	Sociotopônimo
Córrego	Núncio	Sociotopônimo	Córrego	Rincão	Sociotopônimo
Córrego	do Passo Feio	Hodotopônimo	Lajeado	do Rancho	Ecotopônimo
Córrego	Passo Fundo	Hodotopônimo / Corotopônimo	Ribeirão	Passo Fundo	Hodotopônimo / Corotopônimo
PINHÃO					
Distrito	Bom Retiro	Animotopônimo eufórico	Rio	Passo do Tombo	Hodotopônimo
Rio	Boi Carreiro	Zootopônimo	Rio	das Porteiras	Ergotopônimo
Rio	Descadeirados	Animotopônimo disfórico	Serra	da Mula	Zootopônimo
GUARAPUAVA					
Distrito	Atalaia	Sociotopônimo	Arroio	Fraqueza	Animotopônimo disfórico
Povoado	Campo Bonito	Fitotopônimo	Arroio	Porungos	Ergotopônimo
Povoado	Campos do Cupim	Fitotopônimo	Arroio	da Viola	Ergotopônimo
Povoado	Invernadinha	Sociotopônimo	Rio	Campo Novo	Fitotopônimo
Povoado	Porungos	Ergotopônimo	Rio	da Divisa	Cardinotopônimo
Povoado	Rondinha	Sociotopônimo	Rio	Passo Ruim	Hodotopônimo
Arroio	Bom Retiro	Animotopônimo eufórico	Rio	Rincão	Sociotopônimo
Arroio	Campina	Fitotopônimo	Rio	Rincão da Canoa	Sociotopônimo
Arroio	Passo do Jacu	Hodotopônimo	Rio	da Rondinha	Sociotopônimo
PRUDENTÓPOLIS					
Bairro	Alvorada	Animotopônimo eufórico	Arroio	Passo do Gramado	Hodotopônimo
Arroio	Fraqueza	Animotopônimo disfórico	Arroio	da Ponte Nova	Hodotopônimo
IVAI					
Arroio	dos Lemos	Antropotopônimo			
IPIRANGA					
Povoado	Campo Alto	Fitotopônimo	Arroio	da Divisa	Cardinotopônimo
Povoado	Campo Novo	Fitotopônimo	Arroio	Moquéim	Ergotopônimo
Povoado	Cangueira	Animotopônimo disfórico	Arroio	Passinho	Hodotopônimo
Povoado	Divisa	Cardinotopônimo	Arroio	Passo do Romão	Hodotopônimo
Povoado	Piquete Velho	Ergotopônimo	Arroio	da Porteira	Ergotopônimo
Povoado	Três Pontes	Numerotopônimo	Ribeirão	Campo Novo	Fitotopônimo
Arroio	Cangueira	Animotopônimo disfórico			
TIBAGI					
Distrito	Amparo	Animotopônimo eufórico	Arroio	da Campina	Fitotopônimo
Povoado	Campina Alta	Fitotopônimo	Arroio	Campo Novo	Fitotopônimo
Povoado	Campo Novo	Fitotopônimo	Arroio	da Invernada	Sociotopônimo

Povoado	Estiva	Hodotopônimo	Arroio	Ponte Alta	Hodotopônimo
Povoado	Juvenal Ribas	Antropotopônimo	Arroio	Ponte de Pedra	Hodotopônimo
Povoado	Porteira Grande	Ergotopônimo	Arroio	da Porteira	Ergotopônimo
Povoado	Ribas	Antropotopônimo	Arroio	Quebra Perna	Dirrematopônimo
Água	do Burro	Zootopônimo	Ribeirão	Campo Novo	Fitotopônimo
Arroio	do Atalho	Hodotopônimo	Rio	Tibagi	Sociotopônimo
CASTRO					
Povoado	Aparição	Sociotopônimo	Arroio	Moquém	Ergotopônimo
Povoado	Lagoa dos Ribas	Hidrotopônimo	Ribeirão	Campo do Meio	Fitotopônimo
Arroio	Aparição	Sociotopônimo	Ribeirão	do Descanso	Animotopônimo eufórico
Arroio	da Invernada	Sociotopônimo	Ribeirão	Passo do Brígido	Hodotopônimo
GUAMIRANGA					
Povoado	Bocó	Ergotopônimo			
Arroio	Porteira da Chave	Ergotopônimo			
IMBITUVA					
Povoado	Campina	Fitotopônimo	Povoado	Rondinha	Sociotopônimo
Povoado	Faxinal dos Ávilas	Fitotopônimo	Arroio	Moquém	Ergotopônimo
Povoado	Lambedor	Hidrotopônimo	Arroio	do Passo	Hodotopônimo
Povoado	Moquém	Ergotopônimo	Rio	Lambedor	Hidrotopônimo
TEIXEIRA SOARES					
Povoado	Campina do Tigre	Fitotopônimo	Arroio	Passo Fundo	Hodotopônimo / Corotopônimo
Povoado	Mangueira Velha	Sociotopônimo	Arroio	do Pasto	Fitotopônimo
Arroio	Água do Rodeio	Hidrotopônimo	Arroio	Poço do Boi	Hidrotopônimo
Arroio	da Invernadinha	Sociotopônimo	Arroio	das Violas	Ergotopônimo
Arroio	Mangueirinha	Sociotopônimo	Rio	Tibagi	Sociotopônimo
Arroio	Manhoso	Animotopônimo disfórico			
PONTA GROSSA					
Povoado	Biscaia	Antropotopônimo	Arroio	da Invernada	Sociotopônimo
Povoado	Campina da Barra	Fitotopônimo	Arroio	Passo dos PiriQUITOS	Hodotopônimo
Povoado	Menezes	Antropotopônimo	Arroio	Quebra-Dentes	Dirrematopônimo
Povoado	Passo do Pupo	Hodotopônimo	Arroio	da Ronda	Sociotopônimo
Povoado	Ribas	Antropotopônimo	Rio	Moquém	Ergotopônimo
Povoado	Rincão	Sociotopônimo	Rio	Tibagi	Sociotopônimo

ANEXO 3 – Topônimos relativos ao Ciclo do Tropeirismo – Estrada de Palmas

GENERAL CARNEIRO					
Acidente	Topônimo	Classificação Taxionômica	Acidente	Topônimo	Classificação Taxionômica
Colônia	Faxinal dos Lemos	Fitotopônimo	Córrego	Campo Novo	Fitotopônimo
Distrito	Arroio do Gado	Hidrotopônimo	Córrego	do Gado	Zootopônimo
Povoado	Campina do Tigre	Fitotopônimo	Ribeirão	do Passo da Ilha	Hodotopônimo
Povoado	Passo da Ilha	Hodotopônimo	Ribeirão	do Pouso Bonito	Sociotopônimo
UNIÃO DA VITÓRIA					
Colônia	da Encruzilhada	Cardinotopônimo	Povoado	Encruzilhada	Cardinotopônimo
Colônia	Passo do Iguaçu	Hodotopônimo			
PAULA FREITAS					
Povoado	Rondinha	Sociotopônimo	Córrego	Burro Morto	Zootopônimo
Arroio	do Campo Frio	Fitotopônimo	Córrego	Rodeio	Sociotopônimo
Arroio	do Cincerro	Ergotopônimo	Ribeirão	Rondinha	Sociotopônimo

Arroio	da Rondinha	Sociotopônimo			
PAULO FRONTIN					
Arroio	Campinas	Fitotopônimo	Arroio	Lambe Pedra	Dirrematopônimo
Arroio	do Campo Frio	Fitotopônimo			
SÃO MATEUS DO SUL					
Povoado	Divisa	Cardinotopônimo	Rio	dos Cochos	Ergotopônimo
Povoado	Estiva	Hodotopônimo	Rio	da Estiva	Hodotopônimo
Povoado	Passo do Meio	Hodotopônimo	Rio	Passinho	Hodotopônimo
Povoado	Pontilhão	Hodotopônimo	Rio	Passo do Meio	Hodotopônimo
Arroio	das Mulas	Zootopônimo	Rio	do Pontilhão	Hodotopônimo
Arroio	Passo Fundo	Hodotopônimo / Corotopônimo	Rio	do Vau	Hodotopônimo
SÃO JOÃO DO TRIUNFO					
Povoado	Guaiaca	Ergotopônimo	Arroio	Passo do Rubens	Hodotopônimo
Povoado	Rio Baio I	Hidrotopônimo	Arroio	Passo do Silva	Hodotopônimo
Povoado	Rio Baio II	Hidrotopônimo	Arroio	Quebra Queixo	Dirrematopônimo
Povoado	Rio Baio III	Hidrotopônimo	Lagoa	Ferradura	Ergotopônimo
Arroio	das Campinas	Fitotopônimo	Rio	Bainha	Ergotopônimo
Arroio	Guaiaca	Ergotopônimo	Rio	do Baio	Zootopônimo
Arroio	dos Padilhas	Antropotopônimo	Rio	da Ponte Torta	Hodotopônimo
Arroio	Passo do Carlos'	Hodotopônimo	Serra	do Baio	Zootopônimo
PALMEIRA					
Povoado	Cantagalo	Corotopônimo	Rio	Passo Fundo	Hodotopônimo / Corotopônimo
Povoado	Encruzilhada	Cardinotopônimo	Rio	Tibagi	Sociotopônimo
Ribeirão	Passo Fundo	Hodotopônimo / Corotopônimo	Rio	Tibaginho	Sociotopônimo
Ribeirão	Tapera	Ecotopônimo			